

5

Considerações finais

A obra arquitetada e realizada por Antônio Sérgio, quer nos escritos mais melancólicos e lamentosos, quer naqueles temerários e irados, tem sempre o propósito de formar o leitor a partir da história nacional. A proposta pedagógica e reformista nos permite afirmar que a herança recebida e deixada pelo autor só pode ser o futuro, inicialmente, porque ele retira da promessa não cumprida pelo quinhentismo a força das doutrinas descobertas em fatos e personagens da história de Portugal, e, em seguida, porque ele mesmo revive o “mal português”. Chamar a atenção da “elite intelectual” da nação não diz respeito a apenas expor as principais características da sociedade portuguesa, trata-se de provocar nos patricios o anseio por ser português. Ocorre que as doutrinas, assim como o “mal”, refletem o ideal de revolução cultural que precede e orienta a mentalidade dos que pensam a nação.

De fato, a dúvida metódica ou o racionalismo de método nunca implicaram revisão dos princípios norteadores da proposta pedagógica. Como instrumento de libertação, a polêmica, a problemática ou a dúvida elevam a disciplina de denúncia como o meio mais adequado à formação ou cultura da elite a partir do reconhecimento da doutrina da decadência. Deve-se ter claro que as desavenças intelectuais e políticas travadas entre racionalistas e saudosista pelo renascimento nacional jamais abandonam a concepção de que se vive na época do declínio da civilização em Portugal. A certeza do estado de crise leva uns à exaltação do sentimento de saudade como principal característica da mentalidade, enquanto outro descobre esse mesmo na denúncia. Isso importa pouco quando se observa a devoção da geração de Antônio Sérgio, e algumas mais, à causa da revolução cultural ou à reivindicação de mudanças na educação da elite e do povo, para integrar o país ao desenvolvimento material e espiritual europeu. Na revelação do naufrágio da inteligência pelo autor, ou mesmo na exaltação da saudade por outros intelectuais, atualiza-se a mesma percepção da falta ou da exigência de que as obras sublimam Portugal.

A consciência nacional formada pela experiência histórica da decadência fomenta e orienta a criação dos objetos de cultura. E isso se deixa ver mesmo nos comentadores da obra, quando eles procuram manter viva a condição de incompreendido e perseguido em harmonia com os intelectuais eleitos como modelo de conduta. Aceita-se não apenas a queda, como também a exigência de ser e criar algo de útil à elevação dos portugueses. A promessa da inteligência que constrói a partir da evidência sensível, mas que não se cumpre como evidência lógica ou abstrata, influencia e controla a obra dedicada à apresentação do problema da cultura ou o conceito de cultura em Portugal. Daí ser tão intrigante o autorretrato do autor conter, mesmo que nas cartas e não nos *Ensaio*s, o sacrifício da conduta de *gourmet* de idéias em prol da pragmática. O naufrágio e a decadência promovem a relação pessoal e íntima entre o intelectual da disciplina de denúncia e o ambiente de cultura. Não por acaso, incita-se a elite intelectual a adivinhar o “sentimento-idéia” de certas obras para que suas afecções se projetem como idéia, consciência, concepção ou hipóteses da experiência vivida. Cada nova investida no ambiente, sobretudo, reitera atos de pensamento que corroboram com a necessidade da revolução. Como “criações do intelecto”, as idéias concatenadas em fatos e personagens refletem as evidências sensíveis e, simultaneamente, a um único ato de inteligência: falta cumprir Portugal.

A história serve à formação do português porquanto nela se podem encontrar tanto os modelos de conduta, quanto as doutrinas em geral aceitas, na medida em que a consciência, o pensamento, a “civilização interior”, a mentalidade, enfim, a formação depende justo das experiências consumadas por idéias. Antônio Sérgio acredita que o modo como se constrói a narrativa dos acontecimentos reflete a conduta dos intelectuais, e vice-versa. Nesses termos, o sebastianismo e a conquista de Ceuta são hipóteses levantadas para dar conta da imaginação dos portugueses, ou seja, o modo pelo qual conduta e ideais sociais se mesclam e se correspondem mutuamente. Não se concebe qualquer discordância entre o modo de pensar a sociedade nacional e a intervenção política do intelectual. A apreensão clara do ambiente de crise equivale à compreensão da rejeição vivida por todo aquele que denuncia tal condição.

Compreender a promessa não cumprida é experienciar o naufrágio da inteligência no passado e no presente. Daí a vida dos “excepcionais” refletirem a excepcionalidade dos Descobrimentos e o caráter da promessa.

Defende-se nos *Ensaio*s e na História de Portugal o ideal de revolução, por observação de modelos e doutrinas, para que o mesmo sirva de proteção à proposta reformista. A escrita ensaísta, a problemática e o racionalismo vêm a ser ferramentas aptas à imitação dos modelos e adequadas à doutrina da decadência. Na problemática encontra-se a luta; no racionalismo, o sentido ou o caminho; no ensaio, a forma que apresenta as hipóteses do que deve ser Portugal a partir do que foi e do que é a nação e o português. O par de opositores nação e português, ambiente e cultura, à semelhança dos demais pares, somente conforma o dualismo que não gera o anseio de mudanças. O ideal de revolução não provém dos pares de oposição, nem da observação da sociedade empírica, mas precede a tudo como uma totalidade de idéias selecionadas e relacionadas em obras.

Por sua atribuição, tanto mais moral que historiográfica, visto que se dedica às idéias concatenadas em fatos, a crítica corresponde à disciplina de denúncia do naufrágio, a promover e identificar soluções ou hipóteses levantadas por vários intelectuais no diagnóstico dos problemas nacionais. Por isso, diz-se que, a partir do par português e nação, Antônio Sérgio promove a abstração do campo histórico por redução dos elementos constituintes ao ideal de revolução. A totalidade de idéias sintetizadas no ideal ordena por antecipação o campo de observação como o concreto da abstração ou o conceito de cultura em Portugal. A imaginação do português é subordinada ao conceito porque toda inteligibilidade dos acontecimentos esteia-se na promessa não cumprida. Isso pode ser visto na própria denominação de autêntica dada apenas àquelas obras que fizeram a denúncia do estado de decadência e reivindicaram mudanças na mentalidade nacional. A impossibilidade de crítica e ironia na obra dedicada ao problema da cultura encontra-se justo nesse laço forte e cego entre a consciência ou a formação do português e o ambiente ou a nação. Destacar a continuidade do estado de crise não vem a ser suficiente para

que se criem instantes de suspensão e superação de todo e qualquer diagnóstico dos problemas nacionais, logo, não abre momentos de absoluta ausência de sentido nos quais se pudesse especular infinitos sentidos. A coerência lógica entre o naufrágio da inteligência na nação, hoje como ontem, e a disciplina de denúncia praticada pelos intelectuais “excepcionais”, cujas vidas possuem características próprias à situação de crise, torna-se a verdade exposta pela obra. A anterioridade do ideal de revolução, tal qual a “icógnita” da expressão matemática, avaliza ou garante o porto seguro donde parte a nau de exploração capitaneada por Antônio Sérgio. Aqui viver e navegar são precisos atos de busca do impossível, afinal, o futuro chega presente que, por sua vez, constrange-se em futuro do passado.